

**LÉXICO, VARIAÇÃO E HUMOR:
UM ESTUDO DE CASO DA CRÔNICA
“A HISTÓRIA, MAIS OU MENOS”, DE L. F. VERÍSSIMO**

João Henrique Lara Ganança (USP)
jgananca@usp.br

RESUMO

Este artigo relata uma proposta contextualizada de ensino do léxico a alunos do ensino médio que aprendem português como língua materna. Neste trabalho, buscamos discutir teoricamente, com base principalmente em Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella (1994), Vilson José Leffa (2000) e I. S. Paul Nation (2005), alguns aspectos do que se entende por conhecer uma palavra, bem como a intensa e profícua relação entre o sistema lexical e o texto, relação esta que pode e deve ser explorada nas aulas de língua portuguesa, a fim de mostrar que o léxico é, muito mais do que uma lista de palavras desvinculada do uso real, um dos elementos mais importantes para a construção dos sentidos na relação entre leitor e texto.

Palavras-chave: Léxico. Ensino. Língua portuguesa.

1. Introdução

O léxico de um idioma é, certamente, um dos primeiros sistemas linguísticos com que um aprendiz trava contato a partir do momento em que mergulha no universo de uma língua. A importância do léxico é tamanha para a caracterização de qualquer língua natural que o próprio senso comum, ao que nos parece, tende a ver a língua, em primeiro lugar, mais como um conjunto de palavras que como um conjunto de frases ou regras de combinação sintática entre as palavras. (LEFFA, 2000, p. 19)

Não obstante a importância de conhecer o léxico para que se possa utilizar plenamente uma língua em situações concretas de comunicação, o aprendizado sistemático desse fundamental sistema linguístico tem sido sempre colocado em segundo plano, com grande destaque, por sua vez, para a assimilação da gramática. Parece haver uma crença implícita entre os professores, advinda certamente da forte tradição gramatical que ainda hoje rege as mentalidades docentes, de que o maior tempo das aulas deve ser gasto com o estudo formalista das estruturas morfológicas e sintáticas da língua, enquanto que o léxico acabaria por ser aprendido “naturalmente” pelos alunos, graças a seu esforço pessoal, não direcionado pelo professor.

Tal fato se mostra ainda verdadeiro tanto nas aulas de português enquanto língua materna, na educação regular básica, quanto nas aulas de português como língua estrangeira. Tanto em um caso quanto no outro, as técnicas de ensino do léxico não vão muito além de atividades descontextualizadas, como listas de palavras consideradas difíceis a serem verificadas, pelos alunos, nos dicionários.

A proposta deste artigo, portanto, é justamente ir contra essa tradição e apresentar uma alternativa ao trabalho pedagógico descontextualizado com listas de palavras. Para tanto, discutiremos nas próximas seções alguns aspectos da relação entre as palavras e o ambiente textual em que se inserem, bem como buscaremos decifrar, à luz da bibliografia consultada, o que, afinal, significa conhecer uma palavra, ou seja, quais aspectos estão envolvidos no ensino-aprendizagem do léxico. Por fim, apresentaremos uma proposta de atividade contextualizada para o ensino de português como língua materna, que chama a atenção para as escolhas lexicais efetuadas na construção do humor na crônica “A História, Mais ou Menos”, de Luís Fernando Veríssimo, coroando as discussões teóricas desenvolvidas.

2. O léxico: entre o sistema e o discurso

O sistema linguístico, por certo, não abarca apenas os itens lexicais, mas tudo o que é necessário para construir uma língua natural: fonemas, morfemas, regras de combinação etc. A nós, contudo, o que interessa imediatamente é o universo léxico. Portanto, utilizaremos o termo “sistema”, aqui, como sinônimo do conjunto de todos os lexemas (BIDERMANN, 1978, p. 130), isto é, de todas as unidades léxicas virtuais ou efetivas armazenadas na memória do falante. Os lexemas efetivos, quando utilizados repetidamente em determinados estratos sociais, culturais, profissionais etc. constituem o que os teóricos têm chamado de vocábulos (BIDERMANN, 1978, p. 131) que integram uma norma linguística. Por fim, a cada ocorrência concreta de um lexema na fala ou no discurso (aqui entendido como texto) dá-se o nome de lexia (BIDERMANN, 1978, p. 130) ou palavra-ocorrência (BARBOSA, 2001, p. 172), sendo três, pois, os níveis de atualização linguística: sistema, norma e fala/discurso.

Maria Aparecida Barbosa (2001, p. 172) chama a atenção para a polissemia inerente aos itens lexicais no sistema, da qual se pode ter uma ideia quando consultamos as obras lexicográficas, cujos verbetes apresentam diversos sentidos para um mesmo lexema. Segundo a autora, a

polissemia ao nível do sistema é importante, pois permite a atualização de um mesmo lexema em variados contextos. Podemos inferir dessa afirmação de Maria Aparecida Barbosa, portanto, que, quando atualizamos um lexema num texto oral ou escrito, acabamos sempre por restringi-lo semanticamente, escolhendo os sentidos ligados àquela palavra que melhor se adaptem à necessidade discursiva em questão.

Todavia, não podemos imaginar que o percurso gerativo de uma palavra seja apenas unidirecional, do sistema para o discurso, uma vez que, não raro, um lexema, quando atualizado em lexia, retorna ao sistema acrescido de semas adquiridos na situação concreta de uso. Isso é de vital importância para a compreensão da relação entre as palavras e o texto, pois ao mesmo tempo em que o material textual é construído por sentidos já consagrados de palavras devidamente escolhidas pelo autor, a relação texto-palavra e a relação entre eles e o leitor fazem com que novos sentidos sejam tomados pelos itens léxicos. Não é a palavra sozinha que define os sentidos de um texto nem é o texto, de forma onipresente, que dá a uma palavra um sentido que ela não pode carregar, é a relação entre eles que cria a novidade semântica, ajudando a enriquecer o universo lexical da língua (LEFFA, 2000, p. 23-24). Desse modo, o texto acaba por se configurar numa intensa máquina semiótica, lugar do novo por excelência e ponto de partida para qualquer reflexão linguística. Não é à toa, portanto, que os próprios *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2000), os quais orientam a elaboração de currículos e materiais didáticos para a educação básica no Brasil, subordinem ao texto o ensino-aprendizagem de todos os outros sistemas linguísticos.

A importância, portanto, do trabalho com o léxico contextualizado em sala de aula é enorme, pois, ainda que bastante útil, a simples consulta de palavras em um dicionário não é suficiente para conhecê-las em profundidade, uma vez que o dicionário apenas registra usos já consagrados, não prevendo, obviamente, o novo.

Chegamos, agora, a uma questão importante: se apenas consultar os sentidos registrados nos dicionários não basta para conhecer uma palavra, em que devemos então prestar atenção quando ensinamos ou aprendemos o léxico de uma língua? O que é, afinal, conhecer uma palavra?

3. O que é conhecer uma palavra

As palavras, como todo signo, possuem um significado conceptu-

al e um significante material. Conhecer uma palavra, portanto, não é conhecer apenas o seu significado de dicionário, mas também a sua forma, isto é, a ortografia, a pronúncia (não raro, no ensino de português como língua materna, faz-se necessário identificar o papel das diferentes pronúncias como fenômeno de variação linguística), propriedades e restrições gramaticais atreladas a ela etc. (OXFORD; SCARCELLA, 1994, p. 232)

Além disso, como nenhuma palavra aparece isolada num contexto real de comunicação, é de extrema importância chamar a atenção dos alunos, durante as aulas de língua, para as relações sintagmáticas que as unidades lexicais estabelecem entre si. A essas relações, Vilson José Lef-fa (2000, p. 33) chama de *colocação* ou *colocabilidade*. Diz-nos ele que “Saber exatamente que palavras podem acompanhar outras palavras é um dos aspectos mais difíceis na aquisição do vocabulário de uma língua, principalmente quando envolve os aspectos produtivos (escrita e fala)”.

Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella (1994, p. 232) e I. S. Paul Nation (2005: 3), identificando, por sua vez, a importância das relações sintagmáticas como fator de conhecimento lexical, nomeiam o fenômeno como *collocation*.

Knowing how to form collocations is another part of what it means to know a word. Collocations are words which often occur together in a specific order. Order of collocations enables learners to anticipate the words which surround a specific word. It enables them to say *I'd like a peanut butter and jelly sandwich* rather than *I'd like a jelly and peanut butter sandwich*. (OXFORD & SCARCELLA, 1994, p. 233)

Assim, se pensarmos, por exemplo, na palavra *bronca*, parece-nos muito importante chamar a atenção dos alunos, quando se trabalha com ela, para a relação sintagmática constante que este substantivo estabelece com os verbos dar (*dar uma bronca*), levar e tomar (*levar uma bronca; tomar uma bronca*), os quais sempre aparecem juntos nos contextos de uso. Do mesmo modo, quando dizemos que, no café da manhã, passamos manteiga no pão e o comemos, dificilmente alguém diria, sem intenção de causar humor, “comi manteiga com pão”, pois o usual é “comi pão com manteiga”. Aliás, discutir com os alunos de língua portuguesa os efeitos de sentido que advém da quebra na ordem canônica dos sintagmas e sentenças é um exercício imprescindível para o ensino do léxico.

Além das *collocations*, Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella (1996, p. 233) mostram que, num texto, a escolha lexical jamais é aleatória, uma vez que os sentidos que percorrem esse discurso constroem-se

diretamente por meio das relações semânticas de sinonímia e oposição que as palavras elencadas pelo autor estabelecem entre si (*word associations*). No estudo acima citado, Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella mostram que entre os verbos ingleses *stagger*, *stalk*, *prance*, *stroll* e *limp* há, a despeito das diferenças de sentido, um sema básico compartilhado por todos eles – a ideia de alternar os pés ou caminhar – que fazem com que, agrupados, estes verbos construam um campo semântico do caminhar.

Since words do not normally occur alone, out of context, when we learn a word, we learn associations between the word and other words in the language which occur in similar contexts. For example, *old* is related in some way to the words *new* and *young*.

Ora, o trabalho pedagógico com campos semânticos extraídos de uma situação real de comunicação, além de fundamental para a construção de sentidos num texto, é também importante alavanca de ampliação do conhecimento lexical dos alunos, uma vez que lhes apresenta, a partir de um sema básico, uma lista de palavras contextualizadas que carregam este traço inerente. Levantar as possibilidades de uso de cada palavra que forma um campo semântico em função de seu registro mais ou menos formal (*dar uma bronca* é, por certo, menos formal que *repreender*), em função das diferenças de sentido apesar do sema comum tem se mostrado um exercício linguístico bastante rico em sala de aula.

O levantamento contextualizado de campos semânticos, ademais, é importante para confirmar que a sinonímia perfeita não existe, pois seria praticamente impossível que duas palavras, em todos os contextos de uso possíveis, assumissem sempre a mesma carga semântica. Por essa razão, atualmente, tem-se falado, no âmbito dos estudos lexicais, não mais em sinonímia, mas em *parassinonímia*, isto é, dois significantes diferentes podem, em determinado contexto e apenas nele, assumir o mesmo significado, o que não significa dizer que em todos os contextos isso seria possível. Nas formas parassinonímicas, portanto,

(...) não há uma homosemia total, e sim, parcial, o que inviabiliza o uso de uma pela outra, sem que isso gere alteração de sentido. Logo, essas formas não têm a mesma distribuição, não são comutáveis entre si em todos os contextos. (BARBOSA, 2001, p. 175)

Como se pode perceber, este é um forte motivo para que o trabalho com listas de palavras descontextualizadas enquanto recurso principal de conhecimento lexical tenha sido tão desencorajado atualmente. Como vimos na primeira seção deste artigo, é apenas no texto, na relação entre elas, que as palavras assumem, de fato, seu sentido pleno, o qual, longe

de ser absoluto, é particular a cada situação. Se pensarmos, como Wilson José Leffa (2000, p. 33) na palavra *pedra*, podemos perceber que no conhecido poema de Drummond (*Tinha uma pedra no meio do caminho...*), esta unidade léxica é parassinônima de “obstáculo”, ao passo que em “o castelo foi construído com pedras”, a parassinonímia estabelecida entre “pedra” e “obstáculo” rompe-se completamente.

Por fim, antes de iniciarmos a última seção do presente artigo, que analisa um caso prático de trabalho com o léxico contextualizado, gostaríamos de tecer alguns comentários acerca da variação linguística. Como atestado anteriormente, a norma é um nível linguístico que se coloca entre a virtualidade do sistema e a concretude do uso e reflete as escolhas lexicais consagradas em determinados contextos sociais, geográficos, culturais etc. Assim, norma e variação linguística andam sempre juntas, pois o que é adequado a determinado contexto pode não ser a outro. Um caso exemplar são, por certo, as gírias, vocabulário bastante expressivo de grupos (idosos, jovens, skatistas, surfistas, entre outros), geralmente utilizados e incentivados em situações informais, mas que se mostram inadequados a contextos cuja variante culta da língua precisa ser utilizada.

Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella (1994, p. 233), chamando a variação lexical de *function*, colocam-na, ao lado das *collocations* e das *word associations*, como importante elemento a ser considerado quando pensamos em conhecimento lexical. Em suas palavras:

Function is another important aspect of lexical competence. (...) I. S. Paul Nation (1990) states that overusing low-frequency words has a *comical effect* (...). Using words appropriately is also essential. As Richards (1985) points out, we adjust our vocabulary to meet the demands of the situation. Based on Chiu's (1972) work, Richards lists the following situational constraints governing the use of words: temporal variation (old-fashioned vs modern), geographical variation, social class variation, social role, *field of discourse*, and *mode of discourse*. (Grifos nossos)

A utilização equivocada do registro linguístico (linguagem informal em situação formal ou vice-versa; uso de léxico de baixa frequência ou fora de moda etc.) pode ocasionar sérios problemas ao aprendiz menos atento e, certamente, as questões concernentes à variação devem ser também objeto de ensino do léxico de uma língua.

Rebecca L. Oxford e Robin C. Scarcella mencionam os efeitos de humor que podem ser criados a partir da discrepância entre a situação comunicativa e/ou o tema da comunicação e o registro linguístico utilizado. A exploração dessa comicidade causada pelas escolhas lexicais é

muito interessante, pois torna, certamente, o ensino da língua portuguesa muito mais atraente, sobretudo se o docente estiver lidando com uma classe composta por crianças e adolescentes que aprendem português como língua materna, para quem a motivação em aprender uma língua na qual já são nativos nem sempre é muito forte. Por essa razão, na seção seguinte, analisaremos as escolhas lexicais e as relações entre as palavras que compõem a crônica “A História, Mais ou Menos”, de Luís Fernando Veríssimo, como fator essencial de criação do efeito de humor no texto. Esperamos que nossa proposta auxilie verdadeiramente o trabalho com o léxico em sala de aula.

4. O humor e as palavras: uma análise de caso

A proposta de atividade que segue foi pensada para o ensino de português como língua materna, preferencialmente com alunos do último ano do ensino médio. Entretanto, nada impede que o mesmo texto e as mesmas reflexões possam ser utilizados em aulas de português como língua estrangeira estritamente para alunos em nível avançado, dada a enorme quantidade de vocábulos gírios e regionalismos presentes que, mesmo a falantes nativos, apresentam certo desafio.

O texto escolhido, como se verá logo abaixo, ao tratar do tema tradicional e religioso “visita dos reis magos ao menino Jesus após o seu nascimento”, o faz por meio de gírias, regionalismos, marcadores conversacionais e um léxico próprio da contemporaneidade. Essa discrepância entre tema tradicional e tratamento linguístico informal dá ao texto forte caráter humorístico, que precisa ser explorado pelo professor a fim de que os próprios sentidos da crônica em questão se desvelem ao aluno.

Antes da leitura do texto, contudo, é imprescindível que o professor realize alguma forma de trabalho pré-textual que vise à caracterização do autor, Luís Fernando Veríssimo, e ao levantamento do léxico relativo ao próprio tema “nascimento de Jesus” o qual, por certo, não deverá ser estranho a nenhum aluno, uma vez que, ainda que não sejamos pessoalmente religiosos, todos nós vivemos em uma sociedade formada sobre as bases da religião cristã, que nos dá um substrato cultural (e, consequentemente lexical) comum. Ademais, ainda que o trabalho pré-texto seja vital para a melhor compreensão de qualquer material textual, neste caso em especial, como Luís Fernando Veríssimo efetua a desconstrução linguística da base tradicional conhecida por todos, a construção dessa base com os alunos antes da leitura do texto deve ser obrigatoriamente realizada.

5. Caracterização do autor

Para apresentar o autor do texto aos alunos, o professor, atualmente, dispõe de vários recursos a serem colhidos no próprio ambiente virtual da internet: imagens, frases famosas, biografia resumida, vídeos com entrevistas, dentre outros. Entretanto, acreditamos que, mais do que fornecer aos alunos muitas informações acerca do cronista, é importante que o professor procure extrair, da própria bagagem mais ou menos extensa dos jovens, o que eles já sabem do autor e complemente essas informações apenas com aquilo que seja útil para a melhor compreensão do texto que será trabalhado.

Assim, pode o docente realizar perguntas estimuladoras a seus alunos, como: “Já ouviram falar de Luís Fernando Veríssimo? Quem é ele? Onde já ouviram falar dele?” ou “Já leram algo de Luís Fernando Veríssimo? O quê? Que tipo de texto ele mais escreve?” etc.

Pensamos que, para nosso trabalho aqui proposto, saber que Luís Fernando Veríssimo é gaúcho mostra-se um fato importante, em virtude de regionalismo típico dessa região do país que aparece no texto. Estar em posse do fato de que ele é filho do também famoso escritor Érico Veríssimo e é conhecido por seus textos (em geral, crônicas, um gênero por si só mais “leve” ou “solto”) irreverentes e humorísticos sobre os mais variados assuntos, entre eles a língua portuguesa e o trabalho com as palavras, é bastante válido, pois, ao iniciar a leitura, o aluno já estará predisposto a buscar o humor e poderá estar atento para as escolhas lexicais, uma vez que já sabe que o cronista gosta de discutir o léxico da língua portuguesa em vários de seus textos.

6. Primeira abordagem do tema

Há diversas maneiras pelas quais o professor pode construir a base temática do texto com os alunos. Ele deve escolher, portanto, os recursos de que, efetivamente, dispõe em seu ambiente de trabalho. Assim, imagens de presépios podem ser projetadas aos alunos, a fim de levantar, em conversa, o léxico do Natal. Vídeos curtos podem ser assistidos por todos, nos quais figurem os reis magos e a sala possa ir construindo a sequência de acontecimentos que envolvem o nascimento de Jesus e a visita dos reis magos etc. É importante, contudo, independentemente do recurso visual escolhido, haver um momento de debate entre os alunos e o professor, que deve estimulá-los com perguntas como: “Vocês conhecem

a história do nascimento de Jesus? Quem eram os três reis magos? O que eles trouxeram a Jesus? Quem ficou alarmado com o nascimento de Jesus? Por quê? O que fez o Rei Herodes quando soube do nascimento de Jesus?”.

Abaixo, transcrevemos na íntegra o capítulo segundo do Evangelho de S. Mateus (na tradução de João Ferreira de Almeida), que, ao que nos parece, é o material reescrito por Luís Fernando Veríssimo em sua crônica. Seria imensamente profícuo que o professor pudesse explorar o texto bíblico junto com a crônica, não apenas para uma aula de língua portuguesa focada no ensino do léxico, mas também de outros recursos linguísticos, como a gramática e a análise textual.

Tendo, pois, nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram do oriente a Jerusalém uns magos que perguntavam: *Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? pois do oriente vimos a sua estrela e vimos adorá-lo.* O rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e com ele toda a Jerusalém; e, reunindo todos os principais sacerdotes e os escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo. Responderam-lhe eles: *Em Belém da Judeia; pois assim está escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel.*

Então Herodes chamou secretamente os magos, e deles inquiriu com precisão acerca do tempo em que a estrela aparecera; e enviando-os a Belém, disse-lhes: *Ide, e perguntai diligentemente pelo menino; e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore.* Tendo eles, pois, ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto quando no oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem eles a estrela, regozijaram-se com grande alegria. E entrando na casa, viram o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. Ora, sendo por divina revelação avisados em sonhos para não voltarem a Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho. E, havendo eles se retirado, eis que um anjo do Senhor apareceu a José em sonho, dizendo: *Levanta-te, toma o menino e sua mãe, fuge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.* Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: *Do Egito chamei o meu Filho.*

Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores, segundo o tempo que com precisão inquirira dos magos.

Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: *Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque eles já não existem.* Mas tendo morrido Herodes, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José no Egito, di-

zendo: *Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que procuravam a morte do menino.* Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. Ouvindo, porém, que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; mas avisado em sonho por divina revelação, retirou-se para as regiões da Galileia, e foi habitar numa cidade chamada Nazaré; para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: *Ele será chamado nazareno.* (Mateus, 2: 1-23)

7. Apresentação do texto e levantamento lexical

Abaixo, segue o texto integral da crônica “A História, Mais ou Menos”, de Luís Fernando Veríssimo, publicada no livro *O Santinho*, de 1991.

A História, mais ou menos

Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém da Judeia vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: *Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.* Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era um oligão, ficou grilado. Que rei era aquele? Ele é que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: *Joia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo.* Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

Bom. Seguiram o cometa, chegaram numa estrebaria e lá estava o Guri com a Mãe e o Pai. Sensacional. Parecia até presépio vivo. Os magrinhos encheram o Guri de presente. Era Natal, pô. Mirra, incenso, ouro, autorama. Tava na hora de darem no pé quando chega um telex. É do céu. Um anjo avisando aos magrinhos que *não, repito, não voltem à presença de Herodes porque o coroa tá a fim de apagar o Guri.* E, depois que os magrinhos se mandaram, chega outro telex, desta vez para o velho do Guri. *Te manda e leva a família. O Herodes vem atrás de vocês e não é pra dar presente.* O velho pegou a mulher e o Guri e voou para o Egito. Na estrebaria as vacas ficaram se entreolhando meio acanhadas, mas depois esqueceram tudo. Aliás, um dos carneiros, mais tarde, quis vender a história toda para um jornal de Jerusalém, mas não acertaram o tutu.

Bom, o Herodes, é claro, ficou chutando as paredes quando soube da jogada dos magrinhos. Mandou que todo bebinski nascido nas bocas fosse cancelado. Se tiver fralda, apaga. Foi chato. Muito chato. Morreu neném que não foi fácil. Mas o Guri tava no Egito, vivão. Pouco depois Deus achou que o Herodes tava se passando e cassou a licença dele. E mandou passar outro telex para o velho do Guri: *Pode voltar. Segue carta.* Mas o velho foi vivo e em vez

de pintar na Judeia – onde o filho de Herodes, outro mauca, reinava, foi para a Galileia, para uma cidadezinha chamada Nazaré. Ali o Guri cresceu legal. Acabou Rei mesmo, dando o maior Ibope. Aliás, os profetas já tinham dito que o Guri seria chamado Nazareno. Naquela época, profeta não dava uma fora! Se tivesse a Loteria Esportiva, já viu, né?

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O santinho*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991)

O primeiro aspecto que, de certo, chama nossa atenção e deve ser explorado largamente pelo professor é o título da crônica. Percebe-se que o substantivo história foi escrito com letra maiúscula e está determinado pelo artigo, o que lhe confere um peso de verdade, ou seja, parece-nos que o autor deseja trabalhar com fatos históricos, inserindo-se no âmbito, portanto, da realidade, não da ficção. Tal impressão é, todavia, logo atenuada pelo modalizador “mais ou menos”, que introduz ao título a ideia de que, apesar de embasar-se na tradição, há um desejo de releitura por parte do autor da crônica, de liberdade de desconstruir essa base factual e/ou histórica largamente conhecida. Nesse sentido, a vírgula colocada entre o substantivo história e o modalizador, ao imprimir uma pausa na leitura, ajuda a ressaltar a modalização e, consecutivamente, a releitura realizada do texto bíblico. Desse modo, o título acaba por se mostrar, assim, um resumo do próprio movimento do texto: desconstrução cômica da base bíblica tradicional.

Como se pode facilmente verificar ao se contraporem o texto bíblico e a crônica, o humor se constrói basicamente pelas escolhas lexicais aparentemente não adequadas para narrar um fato tão sério e tradicional como é o nascimento de Cristo. A comicidade nasce do inesperado de utilizar (propositalmente, neste caso) registro linguístico equivocados em relação ao tema tratado.

Percorrendo o texto, verificamos que, do ponto de vista estritamente lexical, três tipos de vocábulos contribuem para o efeito de humor, os quais devem ser levantados pelo professor com a colaboração ativa dos alunos: vocábulos gírios, regionais e neológicos (agrupados por nós no mesmo grupo), léxico da oralidade (não necessariamente gírio) e léxico da contemporaneidade.

O mais extenso dos três, vocábulos gírios, regionais e neológicos, maior responsável pelo humor, agrupa os seguintes itens léxicos marcados em negrito e seguidos de possíveis significados entre parênteses: *Guri* (menino), *Plá* (conversa) *Se flagraram* (descobriram), *Pintado* (aparecido), *Dar cascata* (contar mentira), *Dicado* (revelado), *Troço* (assunto), *Se mandaram* (foram embora), *Deram o maior fora* (cometeram uma ga-

fe), *Como mandava o catálogo* (como mandava o figurino/ como era o esperado), *Dar uma incerta* (aparecer onde não se é esperado), *Boca aberta* (que fala demais), *Pegou mal* (causou má impressão), *Oligão* (oligarca), *Ficou grilado* (nervoso/aborrecido), *Dono da praça* (poderoso/ chefe), *Comeu em boca* (guardou o assunto para si), *Joia* (bom/ótimo/legal), *Darem no pé* (saírem / irem embora), *Coroa* (velho), *Apagar* (matar), *Velho* (pai), *Tutu* (dinheiro), *Chutando as paredes* (nervoso/ irritado), *Jogada* (ação/ atitude), *Bebinski* (bebê), *Nascido nas bocas* (nascido ali por perto), *Fosse cancelado* (fosse morto), *Foi chato* (causou má impressão), *Vivão* (vivo), *Tava se passando* (estava exagerando), *Cassou a licença* (fê-lo falecer), *Foi vivo* (foi esperto), *Mauca* (mau-caráter), *Dar Ibope* (fazer sucesso).

Os itens lexicais da oralidade, não necessariamente gírios, identificados, os quais conferem ao texto um caráter fortemente oralizado, que é necessário destacar durante a atividade, por sua vez, são os seguintes: *negócio seguinte, ... e tal, ... tá falado, Pra quê!, ... quer dizer..., Bom..., Pô!, tava, ...já viu, né?*

Por fim, há, ao longo do texto, um léxico da contemporaneidade, cujas unidades lexicais não carregam, em si, qualquer caráter gírio ou oral. Entretanto, como trazem a um texto cujo referente temporal é o da Antiguidade elementos da contemporaneidade, acabam por assinalar, pois, um deslocamento temporal cujos efeitos são fortemente cômicos. Muitas dessas palavras, como se verá adiante, ajudam a construir um campo semântico da mídia que percorre toda a crônica também contribuindo para o efeito de comicidade. Tais elementos lexicais são: *canal, empresário, baixo elétrico, presépio vivo, Natal, autorama, Telex, jornal, loteria esportiva, IBOPE e voou para o Egito* (em referência ao avião).

De todo o acervo lexical levantado, o professor deve sentir-se livre para explorar com seus alunos aqueles itens que julgar mais importantes, reservando maior ou menor tempo para o trabalho com a parassinonímia e a construção de campos semânticos. Abaixo, apresentaremos apenas algumas sugestões, dentre todas as possíveis.

8. A construção de campos semânticos, a ampliação vocabular e a parassinonímia

Diversos campos semânticos, os quais são frutos de apurada escolha lexical efetuada por Luís Fernando Veríssimo, percorrem o texto a

fim de lhe construir um sentido. O mais importante deles, a nosso ver, é o campo semântico da mídia, cujas recorrências lexicais dão o tom de toda a crônica. Todavia, campos menores podem ser igualmente identificados, como o campo semântico do constrangimento, associado a equívocos cometidos pelos reis magos e por Herodes e suas consequências. Compõem-no os seguintes itens léxicos: *deram o maior fora, pegou mal e foi chato*.

Com relação ao primeiro item, “deram o maior fora”, o professor pode explorar com os alunos possíveis ampliações, levantando itens léxicos que poderiam figurar no lugar do sintagma utilizado no texto: *fizeram/falaram merda, fizeram/falaram besteira, fizeram/falaram coisa errada/imprópria, fizeram/falaram demais/além da conta, fizeram/falaram o que não deveriam ter feito/falado*, entre outros. No último parágrafo, quando se diz “profeta não dava um fora”, percebe-se claramente que esse vocábulo gírio pode ser ampliado por: *errava, ou cometia um erro; equivocava-se, ou cometia um equívoco; falseava* etc.

O léxico resultante do exercício de ampliação não é necessariamente parassinônimo a “deram o maior fora” e os aspectos semânticos semelhantes e divergentes desses itens devem ser explorados pelo professor, tal como o caráter gírio de “fizeram/falaram merda”, parassinônimo de “deram o maior fora”, em contraposição ao uso não gírio (mais formal) de “fizeram/falaram o que não deveriam ter feito/falado”, o que o impede de ser parassinônimo da expressão utilizada na crônica. Do mesmo modo, a atenuação de “dar um fora”, em comparação à gravidade dos contextos em que um verbo como “falsear” é empregado, pode ser alvo de debate entre o docente e seus alunos.

Outro aspecto a ser focado pelo professor é a colocabilidade de palavras como “merda”, “besteira”, “coisa errada” etc., que, como se pode ver acima, estabelecem relação sintagmática com verbos como “fazer” ou “falar”, aparecendo quase sempre junto a esses itens.

Entre “pegou mal” e “foi chato” percebe-se, por sua vez, claramente relação parassinômica, sendo que um pode ser empregado, no texto em questão, em lugar do outro sem qualquer alteração semântica. Se quisermos sair do âmbito da gíria, podemos ampliar esses itens com expressões como *causou constrangimento* ou *causou embaraço*.

Outro campo semântico que nos salta à vista ao ler o texto de Luís Fernando Veríssimo é o campo do dizer e do dito. As unidades léxicas *plá, dicado, dar cascata, (chegaram lá de) boca aberta e comeu em boca*

o constroem.

Quanto à primeira palavra, podemos ampliá-la com itens gírios, como *papo*, regionais, como *prosa*, ou de utilização mais alargada, como *conversa* ou *história*. A diferença de registro entre as palavras ampliadas pelos alunos e a gíria utilizada no texto, quando existir, deve ser sempre explorada pelo professor.

“Dicado”, particípio do verbo “dicar”, parece-nos ser criação lexical do autor, que o derivou a partir do substantivo “dica”. Portanto, pode-se ampliar este verbo transformando-o no sintagma parassinônimo: *da-do a dica*. É importante reparar que, quanto à colocabilidade, este substantivo sempre aparece junto ao verbo dar (*dar a dica*). No campo da gíria, a expressão *cantar a bola* também se mostra parassinônima a “dicar”. Por sua vez, se quiséssemos sair da gíria e entrarmos na língua geral, os verbos *falar* e *contar* poderiam figurar no lugar de “dicar” neste texto. Do mesmo modo, num tom mais solene, o verbo *revelar* se mostraria bastante adequado.

Segundo o *Dicionário Houaiss* (versão eletrônica, 2009), o substantivo *cascata*, de origem popular, quer dizer mentira. A obra não registra, contudo, qualquer relação entre esse substantivo e o verbo “dar”, sendo mais comum a expressão popular *contar cascata*, que poderia figurar ao lado das gírias *vir com papo (papinho) furado* ou *vir com conversa (conversinha) fiada*. Num registro mais neutro, *contar mentira* ou *mentir* adequar-se-iam muito bem ao contexto. Se, contudo, a mentira implicar consequências mais sérias que uma simples brincadeira, a língua portuguesa dispõe, por exemplo, de *enganar* ou *ludibriar* para a situação. Percebe-se, assim, que há, só na lida com “dar cascata”, muitas opções de variantes a serem discutidas entre professor e alunos.

O vocábulo gírio “de boca aberta” é bastante conhecido em registros de oralidade menos formais. Não raro, ouvimos dizer que “fulano é um boca aberta”, o que implica dizer, num registro formal, que ele *revelou algo que não deveria ser revelado*, ou, para permanecer no âmbito da gíria, *deu com a língua nos dentes*, *dedurou* ou *caguetou* algo.

Do mesmo modo, quem “come em boca”, *silencia* ou *fica em silêncio* acerca de algo que ouviu, *não tendo comentado nada* com nin-guém, uma vez que, na expressão popular *calou a boca*.

Há na crônica, conforme elencados acima, diversos elementos léxicos da contemporaneidade, dentre os quais um nos chama especial

atenção: *telex*. Atualmente, dado o avanço nos meios de comunicação, esta palavra tem caído em desuso e pode apresentar certo estranhamento numa classe formada por jovens de dezesseis ou dezessete anos, os quais nem haviam nascido em 1991, quando “A História, Mais ou Menos” foi publicada pela primeira vez e o *telex* era um serviço de comunicação bastante popular e moderno. Sendo assim, parece-nos útil que o professor foque sua atenção sobre este item léxico, no intuito de atualizá-lo, apresentando outras unidades lexicais ligadas ao campo semântico da comunicação rápida que poderiam, hoje, figurar neste texto, caso ele fosse reescrito. Algumas opções seriam o *fax* (já em relativo desuso), o *sedex*, o *e-mail* (hoje mais restrito às relações profissionais), o *SMS* e, bem recentemente, o *WhatsApp*. Este é um valioso momento para mostrar aos alunos a estreita relação entre sistema lexical e modificações na sociedade (BARBOSA, 1981; BIDERMAN, 2001), pois, como se pode ver, de 1991 para cá, o avanço da comunicação criou novos meios e, conseqüentemente, ampliou o campo semântico dessa área.

9. O substantivo REI e a construção do campo semântico da mídia

Tradicionalmente, o substantivo “rei” se associa à figura de um monarca, isto é, do chefe político de uma nação que estabeleceu a monarquia como forma de governo. No plano da religião, “rei” também figura como líder de grande poder, cuja autoridade advém diretamente de sua divindade. Assim, Zeus é o “rei” dos deuses do Olimpo e Jesus é o “rei” dos judeus.

Neste texto, contudo, a palavra “rei”, em virtude das unidades lexicais que se lhe associam, assume um tom diferente, que, por sua vez, contribui para a criação do efeito de humor, junto com as gírias e expressões de atualidade acima analisadas. Ligadas a “rei”, encontramos o verbo *apresentar*, os substantivos *canal*, *empresário*, *baixo elétrico*, *IBOPE*, *jornal*, *vacas* (representantes do público), *carneiro* (representante do indivíduo que quer aparecer na mídia revelando uma história sobre alguém que dará audiência) e o sintagma *vender a história*. Tais unidades formam o léxico da mídia e transformam Jesus, neste texto, de rei divino em rei midiático, ou seja, artista de sucesso.

Não é estranho, nesse sentido, para nós do Brasil, esse uso midiático de “rei”, uma vez que temos um “rei do futebol” (Pelé), um “rei da Jovem Guarda” (Roberto Carlos), uma “rainha dos baixinhos” (Xuxa) etc. Entretanto, a comicidade reside justamente no inesperado de associar

essa utilização midiática do substantivo à figura solene do Cristo.

Para além do humor, a construção do campo semântico da mídia aliada à recontagem da história bíblica tradicional em registros popular, oralizado e gíriático, parece-nos sugerir uma crítica à própria manipulação que os meios de comunicação da grande mídia fazem dos fatos. Nesse sentido, Luís Fernando Veríssimo, como a mídia, distorce um fato e o reconta, propositalmente, “mais ou menos” de modo verdadeiro. Enquanto os carneiros da mídia desejam ganhar dinheiro em cima da vida alheia, o grande público, dado o excesso de informações nem sempre tão úteis, tal qual “vacas de presépio”, aceita tudo, mas logo esquece tudo, alimentando o ciclo de manipulação que os “profetas” da mídia, longe de serem os profetas idôneos da tradição bíblica, fazem questão de perpetuar.

Toda essa discussão ajuda a enriquecer o sentido deste texto e deve, obviamente, ser realizada pelo professor de Língua portuguesa com seus alunos. Todavia, é imprescindível que se atente para o fato de que só percebemos todas essas implicações quando focamos nosso olhar para o léxico. É com esse olhar, portanto, que deve o professor apresentar qualquer texto aos alunos, percebendo que todo e qualquer sentido que ele possa assumir é construído por meio de acuradas escolhas lexicais, em função de uma intenção primeira que se revela na análise justamente dessas escolhas a partir do debate entre alunos e professor.

10. A fala dos reis “magrinhos” e a mudança de registro linguístico

Ao compararmos a fala dos reis “magrinhos”, que vieram dar presentes ao Menino Jesus, com o restante do texto, percebemos que, de toda a crônica, é o único trecho em que o registro linguístico se aproxima do registro bíblico, assumindo um tom rebuscado. Em verdade, Luís Fernando Veríssimo parece, nesse momento, copiar literal e diretamente o texto bíblico.

Vários recursos linguísticos escolhidos pelo cronista ajudam a criar o tom formalizado, como a primeira pessoa do plural (“*vimos sua estrela*”, “*viemos adorá-lo*”), o verbo “*está*” no registro escrito formal, em oposição à forma oralizada informal “*tá*” (*tá falado*), que aparece em outro momento do texto etc. O que, porém, mais nos chama a atenção é a utilização da ênclise na fala dos reis (*adorá-lo*), ao passo que abundam no texto inteiro as formas proclíticas: *Se mandaram*, *Se flagraram*, *Te manda*, *Se passando* etc.

Segundo nos ensina Ataliba Teixeira de Castilho (2010, p. 484), “focalizando os tempos modernos, vê-se que o português europeu é predominantemente enclítico, ao passo que o português brasileiro é predominantemente proclítico”.

Como se vê, portanto, a ênclise, a nós falantes do português brasileiro, soa sempre estranha, um tanto rebuscada, formal e distante quando não a utilizamos em construções cristalizadas, uma vez que integra o sistema de colocação pronominal do português europeu e não do brasileiro. Para nós, a próclise marca o “natural”, o “espontâneo”. Nesse sentido, é interessante notar que os anjos, que protegem e estão, portanto próximos e simpáticos a Jesus e sua família, a utilizem largamente, como o narrador o faz. Ao ler o que falam os mensageiros divinos, sentimos imediatamente a aproximação, e mesmo a cumplicidade, que há entre eles e as personagens.

Do mesmo modo, se a próclise brasileira marca a aproximação, a escolha pela ênclise lusitana marca o distanciamento daqueles que “estão de fora” e, portanto, não são íntimos nem cúmplices da Sagrada Família, mas vem até eles para adorar o Rei.

11. Sugestão de atividade prática

Após haver chamado a atenção dos alunos para todas essas escolhas léxico-gramaticais e os sentidos atrelados a elas que contribuem para a construção do humor presente em “A História, Mais ou Menos”, acreditamos que seria interessante se o professor solicitasse aos alunos que reescrevessem algum trecho do texto (ou mesmo o texto inteiro, caso sua turma demonstre interesse e haja tempo hábil para isso) apagando propositalmente qualquer traço de coloquialidade, oralidade e contemporaneidade, a fim de que os estudantes possam, eles mesmos, fixar o quanto o humor é quebrado e o texto perde completamente esse viés satírico se assim o fizerem. Abaixo, sugerimos um trecho que pode ser reescrito individualmente pelos alunos ou coletivamente na lousa:

Seguiram o cometa, chegaram a uma estrebaria e lá estava o menino, junto de sua mãe e de seu pai. Deram-lhe presentes. Mirra, incenso, ouro. Quando já estavam saindo, chega um aviso do céu. Era um anjo que advertia aos magos que não retornassem à presença de Herodes, pois este desejava matar a criança.

12. Considerações finais

A intenção deste artigo foi, principalmente, contribuir com o avanço das estratégias para o estudo do léxico, oferecendo aos professores de português como língua materna um modelo de trabalho textual com as palavras, embasado em princípios teóricos gerais da lexicologia e nas relações entre os itens lexicais e o texto, que fugisse das tradicionais listas de palavras descontextualizadas. Para tanto, trouxemos uma crônica em que as escolhas lexicais efetuadas pelo autor ajudavam a construir o humor que percorria todo o texto.

Buscamos explorar a presença de campos semânticos no interior do texto e sua contribuição para os sentidos que este pode assumir. Ainda, objetivamos apresentar ao professor exemplos de trabalho prático com a variação linguística (registro formal, informal, coloquial, gírio etc.) por meio da ampliação vocabular.

Esperamos sinceramente que esta proposta tenha conseguido atingir seu objetivo maior: diminuir o fosso entre teoria acadêmica e prática docente, mostrando o quanto tem a ganhar o professor que sabe como funciona o léxico, como se constitui e, sobretudo, o que significa conhecer uma palavra e o quanto é importante atentar para as escolhas lexicais como forma de enriquecer o trabalho com tipos textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. Parassinonímia, funções e relatividade. in: *Revista do GELNE*, v. 3, n. 2, Fortaleza: 2001, p.172-76.

Bíblia sagrada (edição online). Tradução João Ferreira de Almeida. Disponível em: <<http://biblia.com.br/joao-ferreira-almeida-atualizada>>.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 9-13.

BRASIL. MEC/SEMT. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais*. Linguagens, códigos e suas tecnolo-

gias. (1º ao 3º ano do ensino médio). Brasília: MEC/SEMT, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEFFA, Vilson José. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: _____. (Org.). *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem*. Pelotas: EDUCAT, 2000. p. 15-45.

NATION, I. S. Paul. Teaching Vocabulary. *The Asian EFL Journal*, vol. 7, n. 3, p. 47-54, 2005.

OXFORD, Rebecca L.; SCARCELLA, Robin C. Second Language Vocabulary Learning among adults: State of the art in vocabulary instruction. *System*, vol. 22, n. 2, p. 231-43, 1994.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O santinho*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.